



### **Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria<sup>1</sup>**

*(Images off/in the contemporaneity: an invitation to analysis, a convocation to theory)*

Rejane Arce Vargas<sup>\*</sup>  
Caciane Souza de Medeiros<sup>\*\*</sup>  
Maurício Beck<sup>\*\*\*</sup>

#### **Resumo:**

O foco deste estudo é a problemática da análise de imagens e o objetivo é traçar um percurso teórico-analítico que fundamente trabalhos dessa natureza, na perspectiva da AD franco-brasileira. Exploramos as noções de ideologia; visível e invisível; e forma material, que sustentam os dois ensaios analíticos realizados. Nossa reflexão aponta para um trajeto ideológico de leitura de imagens baseado no vínculo entre prática de sentidos e modos de produção/circulação de objetos simbólicos.

**Palavras-chave:** discurso; imagem; memória; ideologia; circulação.

#### **Abstract:**

The focus of this study is the issue of the analysis of images. We aim to outline a theoretical and analytical framework that grounds works of this nature in the perspective of French Discourse Analysis developed in Brazil. We have explored the notions of ideology; visible and invisible; and material form, all which support both the essays we wrote. Our reflection points to an ideological route of reading images based on the link between practice of sense and ways of production/circulation of symbolic objects.

**Keywords:** discourse; image; memory; ideology; circulation.

---

1 Texto produzido com base em reflexões desenvolvidas nos Grupos de Trabalho do [Laboratório Corpus](#), (PPGL-UFSM) e vinculado às nossas pesquisas de tese, orientadas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Amanda E. Scherer (UFSM-DLCL-PPGL).

\* Assistente de Pesquisa do [Laboratório Corpus](#) (PPGL-UFSM); Doutora em Letras/Estudos Linguísticos (UFSM). E-mail: [rejanearce@hotmail.com](mailto:rejanearce@hotmail.com).

\*\* Professora Temporária no Departamento de Ciências da Comunicação (UFSM); Doutora em Letras/Estudos Linguísticos (UFSM); Integrante do Laboratório Corpus (PPGL-UFSM). E-mail: [cacismedeiros@yahoo.com.br](mailto:cacismedeiros@yahoo.com.br).

\*\*\* Doutor em Letras/Estudos Linguísticos (UFSM); Integrante dos Laboratórios LAS (UFF) e Corpus (UFSM); Bolsista PRODOC UFF/FAPERJ. E-mail: [mauricio\\_beck@yahoo.com.br](mailto:mauricio_beck@yahoo.com.br).

## Introdução<sup>2</sup>

Nosso objetivo aqui é promover uma reflexão em torno de pressupostos teórico-metodológicos que podem subsidiar análises de materialidades imagéticas de sentido, fundamentada em três perspectivas de compreensão imbricadas: 1) imagem enquanto objeto simbólico-ideológico; 2) imagem como espectro do visível e do invisível, em uma aproximação com as noções de paráfrase e polissemia; 3) imagem como produção tecnoideológica de sentidos. As três perspectivas são consideradas em conjunto mediante a compreensão de que uma imagem *é* um discurso, ao mesmo tempo em que *reclama sentidos*, pois estes não estão “dados, contidos ou mesmo escondidos” nela.

O desafio que se coloca, portanto, é o de escrever uma história do funcionamento dos discursos hoje, com um olhar retrospectivo como forma de compreensão do presente, de modo a tecer análises que tomam como objeto “os sentidos no mundo da vida”, alicerçando-nos em bases que já de outrora foram solidificadas com rigor teórico-epistemológico, e impõem pensarmos em sentidos que evocam sempre uma determinação histórica que, todavia não é um caminho já traçado, uma vez que não é “determinista”, é sujeito a falhas, ao impossível de se apreender a completude.

Partimos da ideia de que trabalhar com imagens não é novidade em Análise de Discurso (AD). Primeiro porque há quase três décadas, Pêcheux (1990, 1999 [1983])<sup>3</sup> tecera princípios para análises de imagens, fundamentados no conceito de memória e trajeto de leitura. Segundo porque o desenvolvimento dessas bases encontrou terreno fértil em estudos sobre as mais diversas formas de significação dos espaços urbanos e dos sujeitos na contemporaneidade (rap, piercing, tatuagem, muros, pichações, manifestações sociais, mapas, conversa de rua, etc.), em obras como *Cidade atravessada* (2001); *Cidade dos sentidos* (2004a); *Para uma enciclopédia da cidade* (2003), o que reverberou inclusive em Projeto de Pesquisa e produções em nosso grupo de trabalho.<sup>4</sup>

---

2 Adotamos, neste estudo, as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado em 1991 e vigente desde janeiro de 2009; entretanto, mantemos a grafia original das obras a que nos reportamos em citações, e em seus títulos, em atenção à respectiva data de publicação.

3 Referimo-nos aos textos *Papel da memória* e *Discurso: estrutura ou acontecimento*, ambos de 1983. Nesta referência e nas seguintes, quando houver, utilizamos entre colchetes o ano de escritura ou de primeira publicação dos textos.

<sup>4</sup> Projeto “Constituir, formular e fazer circular sentidos: dispersão e memória no discurso sobre/na cidade”, de autoria e coordenação da prof.<sup>a</sup> Dr. Amanda E. Scherer, o qual teve alguns dos resultados publicados em *Fragmentum* n. 16, UFSM/PPGL/Laboratório Corpus, 2008.

Talvez a “novidade”, se ela existe, resida na forma como se dá o acesso aos modos de produção de objetos simbólicos, pois sabemos que estes se apresentam irremediavelmente atravessados por processos informático-midiáticos de produção de sentidos. Sobretudo, vale o postulado de que a *Ideologia* em geral, enquanto princípio organizador naturalizado, não tem história, não muda, por outro lado, os sujeitos se modificam, as *ideologias* têm uma história própria e existência concreta, alteram-se para que, todavia, a *Ideologia* perdure inquebrantável (?).<sup>5</sup>

## 1. Imagem em relação ao simbólico e ao ideológico

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’, o ‘ainda não está’ e o ‘nunca estará’ da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1990, p. 8).

A formulação de Pêcheux com a qual abrimos propriamente este artigo é também o fundamento em que nos baseamos, pois procuramos trilhar um caminho em busca do que não está visível na materialidade discursiva (imagem-discurso), mas está latente como vestígio ideológico de outros sentidos possíveis, no jogo parafrástico de filiações históricas. O objetivo é, portanto, tratar imagem como discurso e este por sua vez como materialidade específica da ideologia.

De acordo com Pêcheux e Fuchs (1993), não há sentido sem articulação entre simbólico e político, já que o simbólico não diz respeito a etiquetas que representam um determinado objeto, do qual a ordenação, a categorização e a interpretação preexistiriam à significação, nem o político remete à organização política das sociedades, mas às forças em confronto que dividem o real. É desse jogo que as significações advêm. Para a constituição dos sentidos, há certo *investimento social* em determinados objetos simbólicos por meio do qual os sentidos vão se constituindo historicamente, de modo a atestar como vai se efetivar a relação dos sujeitos com os discursos (as imagens).

A imagem, na forma sobredeterminada em que é produzida e posta em circulação na mídia, por exemplo, funciona como “operador da memória social” (PÊCHEUX, 1999 [1983], p. 51). Essa memória agenciada nas mídias passa a compor um universo das chamadas evidências de sentidos. Considerada essa relação entre

---

<sup>5</sup> Ver em Pêcheux (1975 [1995], p. 149-158) sobre a distinção entre formação ideológica, ideologia dominante (ideologias) e Ideologia.

memória e produção de evidências, outro conceito configura-se como vigoroso dispositivo de análise da materialidade imagética: o de formação ideológica.

Conforme Pêcheux e Fuchs (1993, p. 166), as formações ideológicas (FIs) são um “conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. Além disso, caracterizam-se por serem elementos capazes de intervir como uma força em confronto com outras na conjuntura ideológica de uma determinada formação social. As FIs se materializam linguisticamente em formações discursivas (FDs). Por seu turno, as FDs definem-se como “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 160). Entendemos, assim, que a noção de FD desenvolvida por Pêcheux inclui um aspecto determinante: o da ideologia.

Tal questão nos toca diretamente, uma vez que a ideologia<sup>6</sup> está ligada ao excesso e não à falta. Se a imagem, em sua materialidade própria, e mediante as redes que estabelece com as séries de imagens que povoam a “realidade” social, instaura sentidos, não os instaura de forma isolada, desconectada; ela, antes de ser analisada como peça avulsa e unilateral, fora do jogo da história, deve ser concebida de maneira mais ampla. Na garimpagem por processos de significação, a imagem deve ser observada como sendo relativa a uma formação ideológica. Em determinadas condições, as textualidades não podem ser analisadas separadamente (como na perspectiva dicotômica verbal x não verbal), pois, independente de suas formas textuais, elas são arranjadas na dependência interdiscursiva de sentidos possíveis, tomados em uma formação ideológica que orienta a “montagem” e, portanto, as versões que se alinham a determinados sentidos e que produzirão os efeitos de sentido. O que significa que uma imagem não pode ter diversas interpretações tantos quantos forem os leitores que nela se debruçarem.

Além da questão ideológica, as condições de produção de imagens e as formações imaginárias que as constituem discursivamente, inscritas na história, limitam os laços que a discursivizam, uma vez que as formações imaginárias se manifestam, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o sujeito projeta uma representação imaginária de seu interlocutor e, a

---

<sup>6</sup> Ideologia é tomada aqui como direção de sentidos, a própria condição destes e não mascaramento ou ocultação. Na posição que assumimos, os sentidos não se encontram escondidos, pois a ideologia mostra-os.

partir dela, estabelece seus modos de discursivizar (materializados de diferentes formas). O lugar de onde fala o sujeito determina as relações de força no discurso, enquanto as relações de sentido pressupõem que não há discurso que não se relacione com outros. As formações imaginárias, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções, ou seja, são dependentes de processos discursivos anteriores.

Ao nos depararmos com imagens, encontramos-nos em um embate que configura um jogo discursivo entre o que se observa na tessitura visual da imagem e o que não é imediatamente perceptível.

O que é da ordem do **visível** se formula por meio de uma **rede parafrástica**, isto é, um conjunto complexo de imagens em torno do mesmo, do repetível e socialmente estabilizado, que circunscreve certa regularidade acerca de objetos simbólicos – imagem de beleza, de agricultor, de mãe, de sexualidade, de infância, de felicidade, de política, etc. – e se articula na instância do esquecimento número dois (cf. PÊCHEUX, 1995 [1975]), ou seja, os sujeitos operam uma escolha, mediada pela FD que os domina, dentre uma rede de sentidos possíveis que se encontram em relação de paráfrase. Tal escolha fornece aos sujeitos uma ideia de ilusão referencial, de relação direta entre as coisas e o mundo.

Por sua vez, o que é da ordem do **invisível** remete igualmente a um todo complexo extralinguístico, porém entretecido pela possibilidade polissêmica latente que pode fazer emergir a diferença no interior das regularidades, via uma **rede interdiscursiva**, que comportaria todo o conjunto possível de imagens, aquelas esquecidas, apagadas, negadas, isto é, aquelas que não se inscreveram na história e são da instância ideológica constitutiva dos discursos (o esquecimento nº 1, cf. PÊCHEUX, Id.).<sup>7</sup>

É nesse jogo, entre os elementos que habitam a superfície da imagem e os que a permeiam, por vezes esquecidos na densidade da história, que devem ser instauradas as análises.

Entendemos, portanto, que o sentido se constitui a partir da correlação entre os elementos visíveis na imagem e aqueles que não se encontram nela explicitados, mas que se deixam entrever como um inquietante indício de outros sentidos possíveis.

---

7 Sobre os esquecimentos 1 e 2, ver Pêcheux, 1995 [1975], p. 173.

Com uma sequência de imagens históricas em nossas mãos, devemos atentar ao que Pêcheux apontou como uma espécie de *dominância do sentido*, em que “o não-afirmado precede e domina o afirmado” (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p. 178). Os elementos que compõem uma imagem devem valer também *com* aqueles que nela não se encontram - outras possibilidades históricas que não puderam se inscrever.

Queremos dizer que a ideologia tanto pode se materializar em imagens no momento da produção das mesmas (quando da seleção e recorte de mundo que irá priorizar certos elementos, em detrimento de outros) quanto no momento da leitura dessas imagens por sujeitos em posição de leitores. Sujeitos-leitores que, por mecanismos inconscientes que não dominam – pelo menos não em sua totalidade – ajudam a reafirmar sentidos cristalizados por ideologias que se vinculam umas às outras e determinam discursos que sustentam a máxima de que a imagem seria um tranquilo reflexo do real. Postulamos a nulidade desse reflexo passivo.

Se, em suas formas heterogêneas, a linguagem é lugar de significação, sustentamos que o efeito de evidência que acomete os sujeitos e o processo de formulação e circulação de imagens não se constituem como mágica ou provêm da intencionalidade subjetiva. Alinhados a uma teoria discursiva fundamentada em uma concepção materialista do discurso, não podemos tomar a imagem como pedaços de historicidade que se submetem a uma ideologia plena de coerência em seus princípios, concretizando-se em uma representação inerte às contradições ao longo da história. É na luta social e política cotidiana, isto é, nas posições ideológicas que os sujeitos assumem nesses embates, que as contradições ganham corpo e desvinculam-se de toda e qualquer suposta unidade ideológica. É a respeito dessas contradições históricas de que trataremos a partir de então.

## **2. Imagem: sobre os efeitos de evidência do visível e o devir do invisível**

Compreendemos os sentidos como produzidos em dadas condições de reprodução - de acordo com as relações de força atuantes no processo histórico. Desse modo, as contradições e antagonismos do real da história constituem o motor da tensão entre a reprodução ou a transformação das relações de domínio e exploração socioeconômicas.

Pode-se dizer que uma ideologia (dominante) tem por função assegurar a reprodução e a circularidade, enquanto as ideologias dominadas necessitam operar a ruptura dessa circularidade.

No que concerne à AD, o processo discursivo é entendido (cf. ORLANDI, 1999) como constituído pela tensão entre paráfrase/polissemia. Cabe indagar, no tocante à especificidade da materialidade imagética, como se constituiria a tensão reprodução/transformação, levando-se em conta que esta se concretiza por meio da prática do olhar?

Não se pode perder de vista a compreensão de que o imagético está inelutavelmente intrincado à linguagem, ao discurso e, por conseguinte, ao processo material de produção de sentidos. Dito isto, podemos ressaltar uma especificidade do imagético: ser afetado pelas práticas, pelos rituais e pela memória do *olhar*.

Pensar a memória do olhar nos leva a remontar a investigações em torno do caráter espectral na relação entre a produção de sentidos e a instância ideológica (cf. PÊCHEUX, 1990 [1980]). Tal relação aponta para uma série de antinomias (dialéticas) que articulam imagético e histórico. Visível/invisível; realizado/irrealizado; existente/alhures, presente/modalidades de ausência remetem a visões fantasmáticas, ilusões e fronteiras historicamente deslocáveis por efeito de acontecimentos históricos e/ou discursivos.<sup>8</sup>

É, sobretudo, o deslocamento de fronteiras entre o visível e o invisível e suas incidências ideológicas que nos chamam a atenção. Os deslocamentos dessas fronteiras, “onde o real vem se afrontar com o imaginário” (Id., p. 8), capazes de suscitar a tentação de uma análise espectral de revoluções, com suas colorações e suas irradiações de bordas invisíveis, são fenômenos que tocam os sentidos da visão. Entretanto, não se postula aqui tratar a imagem como “coisa” concreta, mas como objeto da ordem do imaginário, da antinomia entre visível e invisível e suas implicações ideológicas.<sup>9</sup> Assim, o efeito de evidência que uma imagem acarreta pode ser remetido *ao que é visível* a “todos”, como algo claro e distinto. De outro lado, *o invisível* funcionaria de

---

8 Em nossa leitura, um acontecimento histórico remete a um evento histórico que se inscreve no interdiscurso (as repetibilidades, o já dito) e se torna passível de voltar, de ser rememorado. Um acontecimento discursivo, além de ser um acontecimento histórico, instaura algo que foge à repetibilidade, movimenta o dizer e a história para instituir algo “novo” (a ideia de revolução e de novas discursividades/subjectividades incidem nesse espaço).

9 Na compreensão de Pêcheux (1990 [1980]), a relação antitética entre visível e invisível é afetada pela estrutura das formas linguísticas articuladas à instância ideológica. Nossa proposta é tratar essa antítese e seus limiares tendo em vista a prática do olhar - não o olhar dotado de intencionalidade, mas este compreendido como uma prática material (em sentido althusseriano estrito), regulada e “direcionada” ideologicamente. Por outro lado, as fronteiras móveis e elásticas, visíveis ou invisíveis que remetem aos antagonismos sociais são entendidas em sua relação com o limiar daquilo que se dá a ver (evidência) com aquilo que não pode ser percebido de imediato em dadas condições de produção. No intuito de mobilizar ferramentas analíticas apropriadas, embora tenhamos em conta que o espectral em Pêcheux tem dimensões que abrangem o modo de funcionamento do imaginário e do simbólico de uma formação social em confronto com seu real histórico, neste artigo, enfocamos as noções de visível/invisível no que concerne ao imagético em sua concretude material.

modo ideológico possibilitando, por exemplo, o exercício do poder de modo mais eficaz (Id., p. 12).

A questão que fica. Poderíamos associar essas formulações sobre visível e invisível ao imagético em sua concretude? Ou seja, a pluralidade de imagens que circula hoje nas mídias na Sociedade do Espetáculo de Debord (1992) não seria determinada por um conjunto de regularidades que delimita a fronteira entre o visível e o invisível de nosso momento histórico? Conjunto de regularidades que remeteriam às formações ideológicas e que direcionariam nosso olhar em certo sentido e não em outros?

Para Debord (1992), a imagem é uma abstração do real e o seu predomínio, isto é, o espetáculo, significa um “tornar-se abstrato” do mundo. A abstração generalizada, porém, é uma consequência da sociedade capitalista da mercadoria que, nas condições históricas e de produção discursivas em que Debord reflete sobre o social, tem no espetáculo uma forma própria de se marcar. A tese de Debord sobre a sociedade do espetáculo associada à mercadoria como lógica da sociedade vigente, no final dos anos de 1960, vem repercutindo e ressoando na história, muito embora o sentido apocalíptico que caracterizou sua argumentação (a de que o espetáculo é uma relação social entre pessoas, mediada por imagens) tenha sofrido movimentações no processo de constituição do poder na sociedade atual.

Entendemos que o poder – a tirania, no dizer de Debord (Id.) – das imagens e dos produtores midiáticos funciona como qualquer outro poder, ou seja, naquilo que distingue e hierarquiza lugares sociais, num jogo de forças, cujas práticas estão socializadas – da mesma forma que o dinheiro pertence em maior quantidade para alguns em detrimento de outros, mas é “socializado”. Não há praticamente campo que não seja afetado pela produção midiática, seja o poder judiciário – com jornais, revistas e canais de televisão próprios -, sejam as instituições religiosas, com seus produtos fonográficos ou cinematográficos que enchem prateleiras especializadas, por exemplo. O que há de novo, atual, e que entendemos ser presente e determinante na compreensão dos processos discursivos contemporâneos é a forma pela qual, nas várias instituições e nos laços sociais dos sujeitos, a entrada da mídia passa a ser constituinte dos modos de discursivizar (espetacularizado).

O que chamava a atenção dos críticos do sistema, na época em que Debord lança sua leitura sobre a sociedade e a mídia, era como esse autor se posicionava quanto à presença veemente de uma textualidade das cores vivas e de movimento na mídia, dos modos de descrever e explicar o social (o movimento, a cena, a versão), a partir de novos aparatos tecnológicos. O desenvolvimento de tecnologias incide fortemente sobre



as formas que tomam as discursividades, impondo limites ideologicamente determinados sobre o que deve ser visibilizado e o que deve ser esquecido.

Sendo assim, entendemos que o deslocamento da fronteira entre o visível (o que se expõe à visão) e o invisível (o que se esconde ou escapa ao olhar) produz efeitos de sentido, cuja forma material não nos parece de todo diferente àquela da paráfrase (repetição do mesmo) e da polissemia (derivas de sentido, irrupção da diferença), como trabalhadas por Orlandi (2002). Exploreemos este aspecto.

A memória discursiva não é afetada pelo invisível subitamente tornado visível à luz do dia? Esse questionamento poderia ser pensado a partir da antinomia transparência e opacidade das relações socioeconômicas. Pêcheux (1990 [1980]) nos faz lembrar de que, na concepção marxista de socialismo, a transparência da produção social tornaria a ideologia sem função, uma vez que seus efeitos de ilusão/alusão não teriam mais que fazer invisíveis as barreiras políticas e as relações de dominação não mais existentes.

Essa possibilidade de mudança no regime de visibilidades talvez nos permita fazer uma releitura crítica das formulações acerca das imagens espetaculares de Debord (1992). Para esse autor, as imagens do espetáculo da vida subordinam os espectadores, alienando-os na condição de contempladores passivos, mediante o direcionamento do olhar, alheando-os de si mesmos diante do reconhecimento e identificação com imagens dominantes. Tornam-se sujeitos invisíveis a si mesmos, alheios a seus gestos, a seus desejos, a seus corpos.

Talvez uma possibilidade de se escapar dessa condição seria dada pela (re)apropriação das imagens, fazendo visível o que era invisível, ou seja, os sujeitos feitos visíveis a si mesmos como novos sujeitos da história. Não se trataria da recusa da produção e circulação de imagens em nossa formação social, mas de inversões e deslocamentos, de tal modo que o espetáculo seja assombrado por espectros do irrealizado político, sejam eles coloridos, radiantes e/ou obscuros e misteriosos em suas composições.

A fim de exemplificarmos como se dá a relação entre visível x invisível, com referência aos processos produtivos de linguagem paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente), propomos um breve ensaio de análise de uma imagem relativa a um movimento social espetacularizado. Esse processo não ocorre, porém, de modo linear, pois há um deslocamento na forma como os sujeitos são dados a se ver, sem se mostrar de todo...

## 2.1 - Espetáculo de celebridades anônimas: visibilidades deslocadas

Durante o quinto aniversário dos Caracóis Zapatistas e Juntas de Bom Governo, auto-organizações políticas zapatistas, em junho de 2008, foi promovido um encontro que pôs em diálogo comunidades zapatistas com entidade de apoio civil a esse movimento, a Caravana Nacional e Internacional de Observação e Solidariedade. Nessa ocasião, o porta-voz zapatista, subcomandante Marcos<sup>10</sup>, fez um breve discurso, posteriormente publicado na revista *Rebeldía* nº 62 de outubro de 2008, juntamente com imagens do evento, dentre as quais selecionamos a seguinte:

### Imagem 1 – Grupo de zapatistas em manifestação, no México



Fonte: Revista *Rebeldía* n. 62. 10/2008, p. 6. Disponível em: <http://www.revistarebeldia.org/>. Acesso em 05/09/09.

A imagem 1 ilustra parte de relato histórico proferido pelo subcomandante Marcos sobre a luta zapatista. Ela figura precisamente no momento em que esse porta-voz passa a discorrer sobre a resistência indígena, a comunidade, a cultura e a linguagem ameríndia e suas formas de se relacionar com o mundo (em primeira pessoa do plural). Nela, observamos um grupo de indígenas zapatistas, na maioria crianças, com os rostos semicobertos com paliacates (lenços vermelhos), de braços erguidos, em apoio (supõe-se) ao discurso zapatista.

---

10 Os integrantes do EZLN não são reconhecidos por sua identidade civil, utilizam, por exemplo, apenas o primeiro nome. O subcomandante Marcos adotou o nome de um zapatista morto em combate.

É pertinente ressaltar, enquanto efeito de sentido, a visibilidade que as comunidades indígenas ganham, sobretudo as crianças indígenas. Esse foco imagético nos infantes zapatistas não deixa de ter determinações que remetem às condições que levaram à revolta armada zapatista em 1º de janeiro de 1994 contra o governo mexicano: a decisão das assembleias de camponeses indígenas chiapanecos, base de apoio e liderança política do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), de sair da clandestinidade e passar ao enfrentamento bélico foi, em grande parte, motivada pela alta mortalidade infantil entre os ameríndios do estado mexicano de Chiapas. Mortalidade causada por doenças curáveis, caso o governo mexicano investisse em saúde pública na região da Selva Lacandona. Essas condições de insalubridade infantil são mencionadas por Marcos na narrativa que este faz da história do EZLN, durante o discurso, na ocasião em que as crianças foram fotografadas.

Por outro lado, a presença de crianças para ouvir um discurso do subcomandante Marcos não é de todo inusitada: Marcos é conhecido também como narrador de histórias infantis (como *A história das cores*, 2003), em que retoma a mitologia indígena chiapaneca para dar expressão ao imaginário infantil indígena contemporâneo e, ao mesmo tempo, tratar de questões políticas em um discurso lúdico e ilustrativo (fábulas).

A imagem dos índios mascarados ou “sem rosto”, difundida pelas mídias corporativas e alternativas do mundo todo, paradoxalmente, mostra semblantes de *celebridades anônimas*, na chamada Sociedade do Espetáculo.

Este é o modo contraditório pelo qual o invisível se faz visível, uma vez que, o ritual zapatista de encobrir o rosto remete à condição de não lugar, de invisibilidade política e socioeconômica dos indígenas camponeses no sudeste mexicano, e à condição de somente poder ocupar um lugar por intermédio do apoio de um exército insurgente e clandestino (o Exército Zapatista de Libertação Nacional). No caso em questão, o tornar-se visível se dá coletiva e anonimamente, na inversão da política de individuação dos sujeitos pelo Estado (cf. ORLANDI, 2004), na medida em que se trata de um grupo mascarado, com identidade civil dissimulada, visibilizado de modo espetacularizado e contraditório.

Ao deslocar as fronteiras entre o visível e o invisível, as imagens dos zapatistas mascarados atualizam o espectro do irrealizado político na América Latina deste início de século. O espectro de outro mundo (onde caibam muitos mundos), ao assombrar e questionar os efeitos de evidência da ideologia dominante pode vir a deslocar nosso

olhar para horizontes alhures, prenhes de alternativas políticas. Nessa perspectiva, a deriva do olhar e a deriva dos sentidos parecem mutuamente imbricadas às possibilidades de acontecimentos discursivos, em um devir histórico.

### 3. Imagem: materialidade dos sentidos e historioprodução do tempo presente

Este terceiro ponto de nossa reflexão leva em conta o discurso da mundialização, aquele da fluidez de sentidos na contemporaneidade *on-line*. Todavia, objetivamos sair dessa “órbita de volatilidade”, em que quase tudo é relativizado e os sentidos podem se diluir na instantaneidade de um clique. Pelo contrário, visamos a uma reflexão crítica, concernente a discursos em circulação, oriundos de práticas simbólicas de sentidos que redundam em efeitos materiais, emoldurando lugares, tecendo ou desfazendo laços sociais (cf. SCHERER, 2008). Assim, os discursos em circulação são tomados não em sua efemeridade, mas no tocante aos efeitos materiais que deles emanam. Sobretudo, estamos considerando a ordem do “político” que dita as significações e, portanto, encontra ecos na língua, nos discursos (cf. PÊCHEUX e GADET, 2004; RANCIÈRE, 1998, 1996).

Ao problematizarmos esse cenário, somos defrontados com diferentes materialidades significantes, especialmente, imagens, vídeos, fragmentos de textos, etc., em circulação hoje, colocando em jogo o político da divisão dos sentidos. Tal circunstância nos leva aqui a um exercício reflexivo que repousa sobre a noção de “forma material”, tal como esta pode ser compreendida em uma concepção materialista histórica, bem como desenvolvida em AD por Orlandi. Esse conceito, aliado a outros que lhe estão imbricados (ideologia, interdiscurso e memória), oferece-nos subsídios para emprendermos análises com referência às mais diversas materialidades significantes, quando não nos focamos nos ditames da “ilusão referencial” de palavras que se “colam” a coisas ou mesmo assumem a própria ontologia destas, mas quando encaramos, ao mesmo tempo, o alcance e os limites de uma teoria que prevê a análise dos sentidos em sua complexidade, relativamente aos modos contemporâneos de circulação dos discursos, estes que permitem a proliferação de sentidos de maneiras imprevistas. Importa sublinhar que trabalhamos com “discursos”, com *objetos simbólicos*, pois “a análise de discurso interessa-se por *práticas discursivas* de diferentes naturezas: imagem, som, letra, etc.” (ORLANDI, 2002, p. 63)<sup>11</sup>, dito de outro modo, por “formas materiais”.

---

11 Itálico nosso.

### 3.1 Sobre a noção de forma material

Para Orlandi (2005, p. 39), a forma material representa de certo modo o fato de que em AD não basta trabalhar com o real da língua, mas se faz necessário também o real da história. A noção pode ser compreendida como:

forma (não empírica nem abstrata) constituída pela/na discursividade, forma em que se inscrevem os efeitos da articulação língua/história, acontecimento do significante no sujeito [...] a materialidade da forma discursiva implica o funcionamento ideológico da palavra (ORLANDI, 2005, p. 129)

Orlandi (2005) propõe um deslizamento da noção de “forma material” da linguística, em que materialidade identifica-se com a forma linguística, com a norma, etc., para tratá-la no âmbito do discurso, ou seja, vinculada às práticas, aos sentidos em funcionamento na sociedade. Em face disso, a AD enquanto disciplina que tem como objeto o *discurso*

coloca como base a noção de *materialidade*, seja lingüística, seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia, possível de explicitação a partir da **noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história** (ORLANDI, 2004, p. 25).<sup>12</sup>

Para a pesquisadora, “o discurso é uma prática. No sentido de que é uma mediação necessária, um trabalho (no caso, simbólico) entre o homem e sua realidade natural e social. Prática<sup>13</sup> significando, pois, ação transformadora” (ORLANDI, 1995, p. 39), portanto, prática de significação do mundo.

Ao adotarmos a perspectiva de Orlandi (1995), no texto *Efeitos do verbal sobre o não verbal*, consideramos a oposição *verbal/não verbal* problemática, na medida em que o processo discursivo é compreendido como algo dotado de *forma material*. Além disso, em AD, escusada a tautologia, analisamos “discursos”, compreendidos como **objetos simbólicos**, isto é, enunciados, textos, pinturas, músicas, imagens, etc. O interesse é, assim, pelo modo como esses objetos produzem sentidos para e por sujeitos (ORLANDI, 2002). Nesse sentido, levamos em conta ainda a **noção de texto** desenvolvida por Orlandi (2004, p. 59), que contempla diferentes materialidades, dado seu caráter heterogêneo, no que diz respeito: à natureza dos diferentes materiais simbólicos: imagem, grafia, som, etc.; à natureza das linguagens: oral, escrita, científica,

12 Itálico da autora, negrito nosso.

13 Ao aludir ao discurso como “prática”, Orlandi, todavia, distancia-se de uma visão pragmaticista de linguagem, pois o que está em jogo não é uma linguagem que, colocada em uso, realiza atos, mas a prática de significação do mundo/da vida em sua complexidade, enquanto intervenção no real (cf. ORLANDI, 2005).

literária, narrativa, descritiva, etc.; às posições sujeito e às diferentes Formações Discursivas (FDs) que podem transitar em um texto.

Tal entendimento nos possibilita sair do jugo da textualidade, chegando a uma compreensão dos processos de produção de sentidos, sem ceder à dominância ou ao desejo de tradução do não verbal pelo verbal, tal como adverte Orlandi (1995), quando destaca a importância de nos desvincularmos de uma relação imaginária com o verbal, visando a desrefratar o jogo de reflexos, as simulações, mesmo porque a própria materialidade linguística, tomada em sua opacidade, constitui sentidos sempre em “relação a”.

A autora destaca também (Id.) a importância de não tomarmos posições que promovam uma assepsia do não verbal, resgatando sua “transparência” via verbalização. Isso porque tanto as imagens, quanto as materialidades da língua sempre instam à interpretação, a uma leitura, portanto, a uma simbolização/metaforização das relações de sentidos colocadas em jogo em diferentes modalidades significantes.

O que queremos sublinhar remete ao fato de que a noção de materialidade “nos leva às fronteiras da língua e nos faz chegar à consideração da ordem simbólica, incluindo nela a história e ideologia” (Id., 2004, p. 46). Além disso, “**a constituição do sentido se dá fora de nosso alcance direto, na relação com o interdiscurso.** Este representa como uma história que não se situa. Ele não está alocado em lugar nenhum. É uma trama de sentidos” (ORLANDI, 2004, p. 76).<sup>14</sup> Por conseguinte, é pela opacidade, pelo corpo da linguagem, pela ideologia que o sentido se constitui e não pela/na formulação. Desse modo, o que nos proporciona o trabalho com a exterioridade discursiva (ou exterioridade constitutiva) é o de interdiscurso (cf. ORLANDI, 2004), este que é de natureza material contraditória, uma vez que sempre fala, antes e independentemente, e também tem caráter irrepresentável (ORLANDI, 2006).

Quando se concebe os discursos a partir de uma perspectiva materialista, salvo a redundância, é preciso tomá-los como produzidos materialmente, como objetos simbólicos oriundos de práticas de linguagem, tal como desenvolve Orlandi em vários de seus trabalhos. Isso nos permite postular que não cabem separações entre modalidades de discursos (verbal, não verbal, imagético, etc.), o que importa é considerarmos como esses diferentes registros discursivos funcionam em relação a sua constituição/formulação/circulação e em suas especificidades. Além disso, tratamos de processos discursivos – da inscrição da língua na história – que têm como *loco* a base linguística, mas que se constituem alhures (nos processos sociais), e são representados

<sup>14</sup> Negrito nosso.

na base linguística, e que, portanto, constituem uma forma de discursividade, tal como aponta Pêcheux:

Os processos discursivos não constituem, pois, em absoluto, um ‘cantão’ isolado em sua autarcia e submetido a uma necessidade específica. Em particular, o que chamamos autonomia relativa da *base linguística* não poderia, sob o pretexto de que está na base, imprimir *sua forma* aos processos discursivos que se desenvolvem sobre sua base; **os termos: interdiscurso, intradiscurso, efeito de pré-construído e efeito-transverso** – [...] e que justamente caracterizam [...] a forma da discursividade – **não correspondem, portanto, a fenômenos linguísticos: representam, em relação à base linguística, a existência determinante do todo complexo das formações ideológicas, submetido, em condições históricas sempre específicas, à lei ‘geral’ de desigualdade que afeta essas formações** (PÊCHEUX, 1995, p. 259).<sup>15</sup>

Pelo que precede, especialmente pela noção de interdiscurso, conforme destacamos, podemos compreender que o discursivo não é sobredeterminado pelo linguístico, uma vez que se concebe uma determinação de caráter ideológico para os sentidos, relações de desigualdade que afetam toda significação. Compreendemos ainda o discurso como trabalho e linguagem como prática (cf. ORLANDI, 2007, [s/p.]), isto é, materialidades que advêm da produção da vida dos sujeitos em sociedade, da ação simbólica que intervém no real, levando em conta uma ordem sempre em processo, nunca dada ou acabada sobre a qual se possa “aplicar” uma ortopedia analítico-interpretativa. Se a vida é um processo histórico, a tarefa do analista não poderia estar senão situada nessa incompletude determinada historicamente pelos processos sociais, pois não há outra forma de constituir o real senão pela linguagem, pelo trabalho com os sentidos.

Cabe salientar que, de acordo com Orlandi (2007), em AD, não trabalhamos com a língua em si, mas com esta funcionando em relação à historicidade, na sociedade. Trabalha-se antes com a noção de materialidade linguístico-histórica, em que **o linguístico não está restrito ao verbal**, mas vinculado à prática de sentidos, de leitura/significação do mundo. Nessa conjuntura, “o desenvolvimento das tecnologias de linguagem pode alterar aspectos da forma histórica do sujeito deslocando o modo como se dá a autoria” (Id., 2005, p. 203) e, diríamos ainda, que redefinem decisivamente o modo como se dá a leitura/interpretação.

Os trabalhos de Dias (2009), por exemplo, têm nos mostrado que a língua/escrita na materialidade digital guarda especificidades, dentre elas, a de uma corpografia, ou seja, a língua assume um simulacro de corpo, enquanto representação de um impossível

---

15 Itálicos no texto, negritos nossos.

(o de inscrição material do corpo/emoção na língua, o que concerne mesmo ao impossível, desvão onde irrompe o real da língua e do sujeito – possibilidade de criação/objetivação, para a autora). De modo semelhante, acreditamos que a leitura/interpretação nesse espaço volátil possa ser pensada de outras formas, uma vez que o arranjo de sentidos se dá na dispersão e não se apresenta como uma unidade imaginária, como um texto, por exemplo. Os discursos na materialidade digital reclamam olhares que considerem condições de produção específicas que poderíamos chamar de “tecnológicas” que, entre outras coisas, passam por uma “montagem/desmontagem” de trajetos de leitura. Mecanismos de pesquisa [que já apresentam uma leitura] (como Google) e de linkagem de textos têm papel decisivo nesses novos processos de leitura/pesquisa/escritura, e não circunscrevem um trajeto linear: pelas buscas, a leitura/interpretação se apresenta no eixo paradigmático (várias possíveis); nos links, por sua vez, ao modo rizomático, de redes que podem vir a ter um percurso da ordem do irrepitível.

Acreditamos que seja exatamente nesses meandros, nesses espaços descontínuos, o lugar da memória discursiva (COURTINE, 2005), pois não há texto ou discurso que sejam interpretáveis sem referência a uma memória, na medida em que se inscrevem em uma rede complexa de imagens internas e externas ao sujeito, formando uma “intericonicidade”, característica do funcionamento dos discursos, enquanto estabelecimento de relações entre memória social e memória subjetiva, interpretável mediante o jogo de filiações. Tal jogo de filiações hoje comporta uma fabricação metálica. Recursos tecnológicos, *Photoshop*, coisas “fora do lugar”, pincelas de coisas que “não estavam ali” ou dali foram sub-repticiamente tiradas. Vivemos no cenário do chapéu de Clémentis (COURTINE, 1999)<sup>16</sup> em grau máximo ou mesmo em grau zero de historicidade, ou ainda de uma *historioprodução*, uma memória metálica<sup>17</sup> (cf. ORLANDI, 2004) que agencia sentidos, sujeitos, política - a vida.

**Historioprodução** é compreendida como o processo de tecnologização da memória e dos modos pelos quais os objetos simbólicos são dados a conhecer, são colocados em circulação. Esses procedimentos intervêm decisivamente na inscrição (ou

---

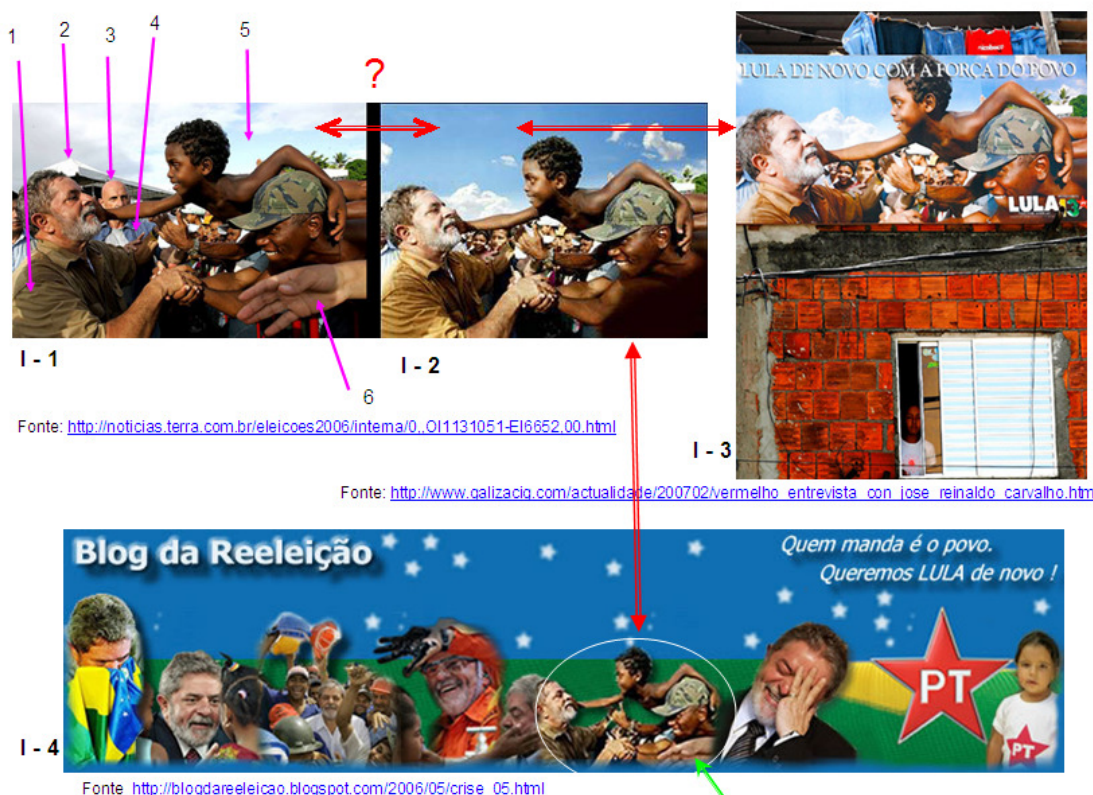
<sup>16</sup> Courtine (1999), no texto *O chapéu de Clémentis: Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político*, reporta-se ao fato de que, em 1948, em Praga, em meio a um cenário gélido, o líder comunista Klement Gottwald fazia um pronunciamento público, na sacada de um palácio, quando um de seus camaradas, Vladimir Clémentis, solícito, empresta seu boné de pele a Gottwald; essa imagem entra em circulação de modo a ser reconhecida (lembrada). Quatro anos mais tarde, Clémentis é considerado traidor e condenado à forca. Ele então “se dilui” das fotos, desaparece, mas seu boné permanece em Gottwald (fato detalhado na obra de Milan Kundera, *O livro do riso e do esquecimento*).

<sup>17</sup> Memória metálica é aquela que “não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão, só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias” (ORLANDI, 2004, p. 15-16).



ção) dos sentidos, em sua historicização metálica. Procuramos ilustrar tal processo via uma rede de imagens que compusemos no intuito de promover a reflexão acerca do agenciamento de uma memória social massificada, que se dá mediante apagamentos, deslocamentos, delimitações, isto é, por meio de imagens que são artefatos de memória. Não obstante, a filiação de sentidos continua latente nesse espaço descontínuo, mesmo porque não trabalhamos com a origem, mas com a filiação, não se considera a evolução [da história, dos processos significantes], mas a produção (cf. ORLANDI, 1996), nesse caso, uma historioprodução, tal como se pode observar no exemplo a seguir:

**Imagem 2 - Historioprodução: um exemplo<sup>18</sup>**



De I-1 a I-3, temos a “mesma” imagem, isto é, foto que ganhou status de imagem-símbolo da campanha eleitoral do então candidato Lula, em 2006. Em I-4, temos a imagem trabalhada na composição de um *banner* de um *blog*.<sup>19</sup>

18 I = Imagem. Reflexão inicial a propósito da imagem 2 foi publicada em: [http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeII/textos\\_pdf/REJANE\\_A\\_VARGAS.pdf?f839dedc051baa2d8bcfc44b51daa13a=0d6bd28e2d5201c10376b6499f14b095](http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeII/textos_pdf/REJANE_A_VARGAS.pdf?f839dedc051baa2d8bcfc44b51daa13a=0d6bd28e2d5201c10376b6499f14b095).

19 “A nova foto-símbolo da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à reeleição foi retocada em relação à imagem original [...] A foto foi tirada no município de Lauro de Freitas (BA), durante um evento na cidade [...]”, para mais detalhes sobre a captura da foto, ver: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes2006/interna/0,,OI1131051-EI6652,00.html>.

Em I-1, teríamos então a “foto original”, em que todos os elementos e personagens figuram. Na transição de I-1 para I-2, ocorrem, pelo menos, seis modificações/apagamentos, indicadas nessa ordem, em I-1:

- 1 – o suor aparente na camisa do então candidato é amenizado;
- 2 – uma estrutura branca é retirada;
- 3 – a figura de um general, chefe da segurança do candidato, é apagada;
- 4 – novos personagens são inseridos no vazio resultante do último apagamento;
- 5 – o azul do céu é intensificado e nuvens cinzentas desaparecem;
- 6 – uma mão estendida é eliminada.

A I-3 é resultado da transição de I-1 para I-2 e ganha status de imagem símbolo da campanha para figurar, nesse caso, em grande placa afixada em residência de apoiador da campanha. O “povo” é caracterizado pelo conjunto da imagem: moradia de tijolos sem revestimento, varal na frente da casa, ou seja, via estereotipia em ampla circulação.

Na foto-montagem I-4, o cenário de I-1 é quase que em sua totalidade substituído por um fundo verde, porém, permanece um vestígio: a mão estendida.

Cabe mencionar que a escolha dessa “imagem-memória”, formando essa série que pudemos circunscrever, tem caráter peculiar<sup>20</sup>. Em 2006, no trajeto de ônibus pela rodovia que leva à UFSM, em Santa Maria (RS), placa como a em I-3 emergia como monumento à beira da estrada, em frente a uma casa simples, cobrindo quase toda sua extensão. Foi o inusitado do “acontecimento” que nos chamara a atenção. Hoje, nossa compreensão acerca de fatos de mídia chega a outro olhar que, no mínimo, leva em conta a intervenção informática nos processos de produção de sentidos, que inclui procedimentos hiperbólicos que redimensionam o modo como os fatos nos são dados a conhecer e que são, muitas vezes, perversos, colocando-nos em um mal-estar inquietante no tocante à tarefa de interpretar.

Essa sequência descritiva tem caráter esquemático e organizativo do exemplo (e não explicativo ou de “tradução” da imagem, possibilidade inviável e equivocada, a nosso ver). Ela tem a finalidade, sobretudo, de destacar os pontos que nos levam a compreender que, em face da fluidez, a materialidade histórica constitutiva dos sentidos insurge-se como emergência. Mais ainda, orienta-se pelo princípio de que, as imagens

---

<sup>20</sup> Agradecemos a André Luís Campos Vargas pelo empenho na operação de memória (discursiva em funcionamento na metálica) que mediou o processo de busca pelas imagens que figuram na composição dessa série que exemplifica o conceito de historioprodução. Cremos que aqui esteja, de certo modo, configurado o que Courtine (2005, 2008) chama de “intericonicidade”, processo com história, com ideologia, com sujeitos.

comportam um trajeto (ideológico) de leitura, de regularidades que formam séries que, contudo, podem ser esburacadas (PÊCHEUX, 1999 [1983]), formando novas séries que não estavam constituídas em uma primeira, porém, no caso exemplificado, a série situa-se no eixo da “produtividade”, não configura acontecimento discursivo porque não há deslocamento ou transformação, apenas “modificação”, de modo que são “outras formas de ver” o mesmo.

### Considerações finais

Com base neste breve estudo, podemos postular por fim que a exploração da imagem, tal como objeto simbólico, na perspectiva da AD, impõe um trabalho com uma ordem “discursiva”, isto é, a imagem reclama sua inscrição em uma rede de filiações, de memória, a fim de que possamos de fato colocar em visibilidade os sentidos que ela põe em movimento. Por outro lado, o regime de visibilidades, o que é dado a olhar na contemporaneidade é radicalmente afetado por uma ordem “mundializada” de sentidos sobredeterminados. Desse modo, sentidos possíveis, não raro, ficam “em suspenso” ou são mesmo diluídos, esquecidos ou apagados.

Procuramos mostrar sucintamente a complexidade desse regime de visibilidades, via uma imagem que presentifica o discurso zapatista, materialidade esta que expõe duplamente o caráter contraditório e jocoso do que nos é dado a “ver”. O discurso zapatista “joga” (brinca) com o discurso mundializado, expondo sua perversidade e algumas de suas formas de anulação das singularidades. Ao se exporem em parte (com os rostos semicobertos e via codinome), ao se exporem em silêncio, inserem-se na discursividade mundializada, mas não sem antes instalar um mal-estar, pois ao se valerem das “mesmas armas” do discurso ao qual se contrapõem, usam-nas às avessas, de maneira mesmo a colocar em xeque e em visibilidade suas formas de sujeição.

Noutra perspectiva, a segunda imagem por nós explorada, inserida em um regime de visibilidade de ampla circulação e exposta massivamente ao olhar do espectador, joga com uma memória já instaurada a respeito do “popular”. Não obstante, essa memória (ora metálica) sofre rigorosa assepsia tecnoideológica. A imagem é “trabalhada” de forma a ir “mais ou menos diretamente” ao encontro de um imaginário “mais azul e límpido”. Foi o que chamamos de *historioprodução* em uma de suas possíveis formas, uma maneira de exemplificarmos os modos pelos quais as novas TICs interferem nos trajetos de leitura, estes que, insistimos, só podem ser visibilizados quando temos em conta o jogo ideológico que se textualiza, dada a profusão e a

complexidade dos meios de tratamento tecnológico dos objetos simbólicos que tornam os discursos fluidos e aparentemente “desfiliados”.

É necessário, portanto, estabelecermos diferentes olhares sobre os objetos simbólicos, considerando a dispersão que intervém sobremaneira no modo como a eles temos acesso. Além disso, dispomos desde outrora de um aparato teórico-analítico que encontra na filiação de sentidos a possibilidade de perscrutarmos as formas como os discursos vão se inscrevendo materialmente na história, de modo a não cairmos na anacronia das máquinas de ler, sob pena de cedermos a uma ortopedia dos discursos. Vale insistir que imagem é discurso, e não só mobiliza a memória do dizer como também a integra. Como qualquer outro objeto significativo, é uma das possíveis materialidades da ideologia.

Por fim, vale aqui um trocadilho a propósito de provérbio mencionado por Pêcheux, no texto *Papel da memória* (1999 [1983], p. 54): “Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo”, e por que não? Em AD, não olhamos para a imagem em si, em seu jogo de cores e beleza (embora também se possa inclusive olhar para esses constituintes), mas lançamos nossos esforços para o processo ideológico material que a constitui e lhe imprime direção de sentidos, cuja materialidade é discursiva, social, ideológica e ditada pelas determinações sociais, as quais tecem laços e os desfazem, mesmo porque “a memória funciona com versões enunciativas, imagens do dizer... A memória inscreve o discurso em filiações” (ORLANDI, 2004, p. 132).

### Referências Bibliográficas

BECK, Maurício. *Aurora Mexicana: Processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina: O exemplo do discurso zapatista*. Santa Maria: UFSM. Tese de Doutorado em Letras – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/PPGL. 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. *Intericonicidade*. Entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Nilanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponibilidade em: <http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>. Acesso em: 05/09/09.

\_\_\_\_\_. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. Trad. de Marne Rodrigues de Rodrigues. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise de Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 15-22.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto. 1992.

DIAS, Cristiane. *Da corpografia*. Ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Coleção Cogitare nº 07. Santa Maria, RS: PPGL/UFSM. 2009.

MARCOS, Subcomandante. *A história das cores*. Ilustrações de Domitila Domínguez. Trad. de Marcelo Barbão. São Paulo: Conrad. 2003.

\_\_\_\_\_. Los pueblos indios dieron rumbo, destino y velocidad a nuestro sueño: Discurso del Subcomandante Insurgente Marcos. In: *Revista Rebelión* n. 62 de Outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.revistarebelion.org/>>. Acesso em 05/09/09.

MEDEIROS, Caciane Souza de. *Sociedade da Imagem: A (re)produção de sentidos da mídia do espetáculo*. Santa Maria: UFSM. Tese de Doutorado em Letras – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/PPGL. 2010.

ORLANDI, Eni P. *A noção de materialidade*. Reunião de trabalho, Grupo DICIT, 05 dez. 2007. Labeurb/Nudecri/Unicamp [Vídeo]. 2007. Disponibilidade <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/videos/verVideo.lab?id=28>>. Acesso em jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Susy (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-31.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes. 2005.

\_\_\_\_\_. *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas, SP: Pontes. 2004.

\_\_\_\_\_. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes. 2004a.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes. 2003.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso*. Princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes. 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Cidade atravessada*. Os sentidos públicos do espaço urbano. Campinas, SP: Pontes. 2001.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 5. ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Editora da Unicamp. 1999.

\_\_\_\_\_. Exterioridade e ideologia. In: *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas (30), jan./jun., 1996. p. 27-33.

\_\_\_\_\_. Eni P. Efeitos do verbal sobre o não verbal. *Rua*. Nº. 01. Campinas, SP: Labeurb/Unicamp, 1995. p. 35-47.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. *A língua inatingível*. O discurso na história da lingüística. Trad. de Bethania Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Campinas: Pontes. 2004.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Trad. de José H. Nunes. Campinas: Pontes, 1999 [1983]. p. 49-57.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni P. Orlandi (et al.). 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp. 1995 [1975].

\_\_\_\_\_. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Traduzido por Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes. 1990 [1983].

\_\_\_\_\_; FUCHS, Catherine. Análise Automática do Discurso. Trad. de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. p. 161-162.

\_\_\_\_\_. Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. de José Horta Nunes. In: *Cadernos de estudos lingüísticos* (19). Campinas: Unicamp, 1990 [1980]. p. 7-24.

RANCIÈRE, Jacques. *Aux bords du politique*. 1998. Paris: Gallimard.

\_\_\_\_\_. *O desentendimento*. Política e filosofia. Trad. de Ângela Leite Lopes. São Paulo, SP: Ed. 34. 1996.

SCHERER, Amanda E. Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Orgs.). *Análise do discurso*. Heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 131-141.

VARGAS, Rejane M. Arce. *Designação e dessignificação: a filiação de sentidos na fraseologia contemporânea*. Santa Maria: UFSM. Tese de Doutorado em Letras – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/PPGL. 2011.

---

Data de Recebimento: 02/12/10

Data de Aprovação: 02/09/11

**Para citar essa obra:**

VARGAS, Rejane A.; MEDEIROS, Caciane Souza de.; BECK, Maurício. Imagens da/na contemporaneidade: um convite à análise, uma convocação à teoria. RUA [online]. 2011, no. 17. Volume 2 - ISSN 1413-2109

Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

**Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB**  
**Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI**  
**Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP**

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

**Endereço:**

Rua Caio Graco Prado, 70  
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo  
13083-892 – Campinas-SP – Brasil

**Telefone/Fax:** (+55 19) 3521-7900

**Contato:** <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>